



## Faces da militância das mulheres no anarquismo:

### O caso da imprensa montevidéana (1897-1910)

[ingridladeira@yahoo.com.br](mailto:ingridladeira@yahoo.com.br)

Ingrid Ladeira<sup>1</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

#### Resumo

A militância das mulheres no anarquismo se deu em várias frentes, apropriando-se do programa libertário com o objetivo de contemplar as múltiplas questões que envolviam a escravização da mulher, sua organização enquanto grupo e suas iniciativas. A imprensa teve papel central na cultura libertária que se formou no espaço rio-platense, exercendo a função de denúncia dos aprisionamentos da mulher e de formadora de novas anarquistas. Este artigo volta-se para problematizar a atuação das mulheres na imprensa como uma das expressões de sua militância, tomando como fontes centrais os jornais que circularam em Montevideú, entre 1897 e 1910. Em um primeiro momento, a análise propõe privilegiar artigos de mulheres ou sobre mulheres que apresentam diferentes perspectivas sobre questões de gênero. Em seguida, a reflexão foca na experiência das mulheres anarquistas como editoras de periódicos. Em última instância, pretende-se abordar como algumas ideias foram discutidas por ambos os gêneros no âmbito da imprensa operária e anarquista.

#### Palavras-Chave

Anarquismo - Imprensa - Gênero - Mulheres - Militância

<sup>1</sup> Doutoranda em História Social da Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio. Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UNIRIO). Bolsista (Scholarship) Slicher van Bath de Jong Foundation- Centre for Latin American Research and Documentation (CEDLA)/University of Amsterdam. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Anarquismo e Cultura Libertária (NEPAN/LPPE/UERJ). Desenvolve pesquisas, no âmbito da História Social, sobre as seguintes temáticas: anarquismo, gênero e imprensa libertária.



## The Militancy of Anarchist Women: Findings from Newspapers Published in Montevideo (1897- 1910)

[ingridladeira@yahoo.com.br](mailto:ingridladeira@yahoo.com.br)

Ingrid Ladeira  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

### Abstract

The militancy of anarchist women took many forms and their assumption of the libertarian cause saw them contemplate issues that involved (1) enslavement; (2) organization as a group; and (3) initiatives to change the status quo. The press played a key role in the libertarian culture that emerged in Rio de Janeiro, denouncing the imprisonment of women and creating new anarchists. This article focuses on problematizing the performance of women in the press as an expression of their militancy, taking as central sources the newspapers that circulated in Montevideo between 1897 and 1910. Initial analysis favors articles by women or about women who held different views on gender issues. Reflections afterwards focus on the experience of anarchist women as newspaper editors. In the end discussion addresses how some ideas were debated and engaged by both genders at work in the anarchist press.

### Key Words

Anarchism - Press - Gender - Women - Militancy

## Introdução<sup>2</sup>

As mulheres, sobretudo as da classe trabalhadora, ao contrário do que a historiografia convencionou a apontar, sempre estiveram no âmbito do espaço da produção, atuando de forma constante e variada na vida pública. A divisão entre o espaço público e espaço privado, no que diz respeito a atuação dessas mulheres, não se sustenta, como apontam inúmeras pesquisas desde 1980, as quais colocam as trajetórias, ações, resistências e experiências femininas no centro das análises.

No espaço rio-platense, as mulheres e 'suas profissões' estiveram representadas nos censos das décadas de 1860 e 1890, ocupando lugares nos setores educacional e produtivo, principalmente na indústria têxtil<sup>3</sup>. As disputas que essas mulheres travaram com seus patrões ganharam visibilidade entre diversos grupos contestatórios que formavam o movimento operário rio-platense, sobretudo na década de 1890. Pequenos movimentos grevistas e discussões exaltadas nas portas das fábricas e oficinas chamaram a atenção dos socialistas, anarquistas e de suas respectivas imprensas, que noticiavam as ações das trabalhadoras.

O movimento anarquista que se desenvolveu e se ampliou desde o final do século XIX e ao longo do século XX na região rio-platense agregou um misto de conflitos, tensões, colaborações e conexões entre os mais diferentes grupos. A militância das mulheres no século XX despontou como engrenagem fundamental para o desenvolvimento de uma cultura contestatória, sobretudo, por representarem um grupo social silenciado e subalternizado duplamente: no espaço doméstico e no espaço da produção.

A participação das mulheres em jornais, comícios e greves foi por muitos anos relegada a um lugar menor na historiografia do anarquismo e dos mundos do trabalho. Suas ações só foram analisadas a partir dos anos de 1980, em uma virada historiográfica que ocorreu simultaneamente na Argentina, no Uruguai e no Brasil, impulsionada pelos levantes feministas iniciados fora da academia a partir da

---

<sup>2</sup> Este artigo é um desdobramento do projeto "As mulheres anarquistas nas redes de militância do espaço rio-platense: circulações, mobilizações e representações (1895-1930)", desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio (Brasil) e financiado pela bolsa de investigação Slicher Van Bath de Jong Fonds (2022) do Centre for Latin American Research and Documentation da University of Amsterdam, a quem agradeço o apoio financeiro.

<sup>3</sup> Lobato, Mirta Zaida, "Entre la protección y la exclusión: Discurso maternal y protección de la mujer obrera argentina, 1890-1934", em Suriano, Juan (ed.), *La cuestión social en Argentina: 1870-1943*, Editorial La Colmena, Buenos Aires, 2000, 246.

década de 1970, pelas obras pioneiras de historiadoras feministas como Michelle Perrot e pelos processos de redemocratização após os anos de ditadura militar<sup>4</sup>. Esses trabalhos precursores incentivaram o crescimento dos estudos do anarquismo sob a perspectiva de gênero desenvolvidos nos programas de pós-graduação de diferentes países do Atlântico sul-americano<sup>5</sup>.

Ainda que a História e as áreas afins tenham produzido robustas análises acerca das atuações, iniciativas e experiências das mulheres no anarquismo, algumas nuances importantes não foram abordadas, permitindo que uma lacuna historiográfica perdurasse. Em consonância, são duas as intenções deste artigo: 1) analisar a atuação das mulheres na imprensa anarquista de Montevideú, entre 1897 e 1907, através da amostragem de três periódicos com propostas editoriais distintas (*El Derecho a la Vida*, *Tribuna Libertaria* e *La Emancipación*); 2) problematizar as experiências jornalísticas pró-organização levadas a cabo por mulheres, em 1906 e 1909, como *Regeneración* e *La Nueva Senda*, de modo a identificar suas propostas e, se possível, grupos editoriais.

Esses periódicos estão disponíveis de forma on-line no acervo do Instituto Ibero-Americano de Berlim e na Biblioteca Nacional do Uruguai. E em posse da lista dos impressos publicados em Montevideú, relacionamos os que tiveram uma periodicidade mais estável. Uma leitura pormenorizada dos jornais permitiu a identificação dos contornos de seus projetos editoriais, bem como a constatação de convergências (aproximação) e divergências (distanciamento) entre eles. A partir disso, selecionamos os jornais que mais se diferenciavam, procurando neles os artigos mais expressivos escritos sobre / por mulheres e analisamos esses escritos com a intenção de problematizar as contradições e conflitos entre as ideias que circulavam naquela

---

<sup>4</sup> Rago, Margareth, *Do Cabaré ao Lar. A utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista (Brasil, 1890-1930)*, Paz e Terra, São Paulo, 2014 [a primeira edição foi publicada em 1985]. Barrancos, Dora, *Anarquismo, educación y costumbres en la Argentina a principios del siglo*, Ed. Contrapunto, Buenos Aires, 1990. Sapriza, Graciela, *Memorias de Rebeldía. Siete historias de vida*, Greemu / Puntosur, Montevideú, 1988.

<sup>5</sup> Martins, Angela Maria Roberti, "Cancioneiro Libertário: das ideias às representações. Uma análise do anarquismo na perspectiva do gênero", Dissertação de Mestrado, UERJ, 2000. Fernández Cordero, Laura, *Amor y Anarquismo: experiencias pioneras que pensaron y ejercieron la libertad sexual, Siglo XXI Editores*, Buenos Aires, 2017 [O livro é decorrente da tese de doutorado defendida pela autora na Universidad de Buenos Aires]. Cawen, Inés Cuadro, "Feminismos, culturas políticas e identidades de gênero en Uruguay (1906-1932)", Tese de doutorado, Universidad Pablo de Olavide de Sevilla, 2016 [A tese de doutorado originou o livro "Feminismo y política en el Uruguay del novecientos. Internacionalismo, culturas políticas e identidades de gênero (1906-1932)"]. Souza, Ingrid Souza Ladeira de, "Salimos a la lucha...sin Dios y sin Jefe. O periódico La Voz de la Mujer como experiência feminina do anarquismo na Argentina (1896-1897)", Dissertação de Mestrado, UNIRIO, 2019.

conjuntura. A periodização do artigo foi proposta a partir do recorte das fontes, sem negligenciar, contudo, os diferentes contextos do anarquismo rio-platense.

Refletir sobre os escritos publicados em periódicos a partir das relações de gênero possibilita identificar a multiplicidade dos discursos na imprensa anarquista, os conflitos de gênero e as dinâmicas que permeiam as relações de poder. Ao compreender essa polifonia, Laura Fernández Cordero sugeriu, baseada nos apontamentos de Mikhail Bakhtin, que os discursos apresentados na imprensa anarquista são múltiplos e polifônicos formando um 'concerto de vozes' e, portanto, devem ser lidos em conjunto<sup>6</sup>.

Por último, é importante ressaltar que as experiências vividas e adquiridas por essas mulheres, no sentido que o historiador E. P. Thompson fundamentou, se manifestaram de diferentes formas, explicitando-se, nos casos analisados neste artigo, nos periódicos que dirigiram e nas conexões que teceram com outros grupos<sup>7</sup>.

### **Escritos de contestação e denúncia: considerações sobre as mulheres nos jornais *El Derecho a la Vida*, *Tribuna Libertaria* e *La Emancipación***

A formação da imprensa operária e anarquista vinculou-se à organização da classe trabalhadora, mais especificamente aos grupos anarquistas e socialistas, correspondendo à consciência política de seus interlocutores(as). Os jornais anarquistas, por exemplo, não possuíam semelhança com os periódicos da imprensa comercial, sua especificidade aludia a mensagem que era transmitida sem qualquer intenção de usá-la como uma mercadoria a ser consumida, apresentando, isto sim, um conteúdo permeado de propostas ideológicas e informações relativas aos trabalhadores(as). A função dos jornais anarquistas e operários era ser um instrumento de propaganda e organização do próprio movimento, centros de estudos ou sociedades de resistência<sup>8</sup>.

<sup>6</sup> Fernández Cordero, *Amor y Anarquismo*, 31-36.

<sup>7</sup> Thompson, E. P., *A formação da classe operária inglesa*- vol. 1, Ed. Paz e Terra, São Paulo, 1987, 10

<sup>8</sup> Ferreira, Maria Nazaré, *Imprensa operária no Brasil*, Ed. Ática, São Paulo, 1998, 6. Alvarenga, Lucas Thiago Rodarte, "Nos bastidores de um jornal anarquista: as mobilizações de um grupo de propaganda para a publicação do jornal a Terra Livre (1905-1910)", *Revista Latino-Americana de História*, Rio Grande do Sul, 19, 2018, 44-62. Martins, Angela Maria Roberti, "Imprensa nos meios anarquistas no Rio de Janeiro: A Guerra Social, o "baluarte dos revoltados" (1911-1912)", *Revista Espaço Acadêmico*, 234, 2022, 4-23.

Os impressos de uma maneira geral conectavam o movimento anarquista e seus efêmeros grupos de afinidade a um público mais amplo, construindo uma ponte entre as demandas da classe trabalhadora e a luta libertária<sup>9</sup>. Essa ligação público-privada da propaganda atraiu a atenção para as estratégias anarquistas e contribuiu para a visibilidade de suas ações. Os jornais anarquistas, por exemplo, eram as vozes de homens e mulheres no espaço público, proporcionando o contato com outros grupos subalternizados<sup>10</sup>.

No espaço rio-platense, a imprensa se tornou mais que um veículo de propaganda anarquista; transformou-se em pequenos centros de difusão de mensagens enviadas a grupos libertários de diversas redes de militância. Alguns periódicos, caso do *El Obrero* e do *La Protesta*, se propunham a ser uma ponte entre ácratas exilados(as) com grupos de afinidade regionais e nacionais.

Nas regiões de Salto, Montevideu e Nico Pérez, entre os anos de 1900 e 1920, foram publicados cerca de 107 periódicos anarquistas. Esses periódicos eram ligados a grupos de afinidade, de vida efêmera, ou a grupos mais estruturados como federações, sociedades de resistência e grêmios. Entre os jornais ligados a grupos de afinidade, destacamos o periódico *El Derecho a la Vida*, publicado em Montevideu no final do século XIX, o qual acolheu dezenas de escritos assinados por homens e mulheres que militavam no espaço rio-platense.

*“Os periódicos anarquistas ofereciam aos escritores uma oferta constante e plural para expressar suas ideias. Essa heterogeneidade andou de mãos dadas com iniciativas de descentralização apoiadas por pequenos grupos de afinidade. Os críticos muitas vezes viram uma fraqueza no aparecimento constante de projetos jornalísticos raquíticos, em sua maioria efêmeras, sem maior força econômica ou estrutural. De outro ângulo, é na verdade uma força intrínseca do anarquismo. A tendência natural de projetar sua própria voz única, de acordo com o essencial encontro de vontades, tão fácil de reunir quanto de dissolver”<sup>11</sup>.*

<sup>9</sup> Neste artigo usamos a expressão ‘libertária / libertário’ como sinônimo de anarquista.

<sup>10</sup> Vidal, Daniel, *Flores Negras. Poesía y Anarquismo en el Uruguay del Novecientos*, Ed. Astromulo, Montevideu, 2020, 40-41.

<sup>11</sup> *Ibid.*, 41. As traduções encontradas neste artigo foram realizadas livremente.

O caráter contestador desses impressos favoreceu a criação de uma cultura política anarquista<sup>12</sup>, como ressaltava Mirta Lobato, permitindo que as ideias libertárias fossem introduzidas na classe trabalhadora e na sociedade como parte de um projeto político com amplitudes, que agregava não só as questões políticas e econômicas, mas que incluía temas mais subjetivos. Essa cultura política anarquista, impulsionada pelo crescimento das publicações impressas, oferecia resistência à imposição de práticas sociais e padrões culturais elitistas<sup>13</sup>.

A participação das mulheres nos periódicos de Montevideu dividiu-se entre a escassez e a resistência; entre 1897-1900 os periódicos mencionavam as mulheres a cada cinco (5) edições e publicavam ao menos um artigo a cada dois (2) exemplares. Entre 1901-1910, a participação feminina na imprensa ácrata ganhou maior visibilidade com a edição de periódicos como *Regeneración* e *La Nueva Senda* e com a participação das militantes Amalia Calderini, Virginia Boltzen e Juana Rouco Buela, as duas últimas em grupos editores.

As mulheres, ao longo desse período de 1897-1910, estiveram presentes em diferentes jornais administrados por grupos heterogêneos, de grêmios a sociedades de resistência e federações, entre outros. Os escritos publicados nesses veículos ácratas estavam parcialmente ou plenamente alinhados com a proposta editorial. Notadamente, as mulheres também adaptaram seus discursos com o propósito de publicar no maior número de periódicos possíveis, sendo esse um movimento consciente do ponto de vista das estratégias de militância feminina<sup>14</sup>.

Os periódicos possuíam suas próprias especificidades. Para o caso de jornais vinculados a grêmios, federações e sociedades de resistência, Daniel Vidal afirma que publicavam menos literatura e poemas por estarem mais interessados na divulgação de notas gremiais, informações sobre greves e manifestações<sup>15</sup>. Ademais, ainda segundo Vidal, os redatores desses periódicos gremiais, como por exemplo *El Conductor*, *La Federación*, *La Voz del Picapedrero*, acreditavam que a poesia e a literatura eram inoperantes na propaganda do ideário.

---

<sup>12</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre o conceito de cultura política consultar: Motta, Rodrigo Patto Sá (ed.), *Culturas Políticas na História: Novos Estudos*, Fino Traço Editora, Belo Horizonte, 2014.

<sup>13</sup> Lobato, Mirta Zaida, *La prensa obrera. Buenos Aires y Montevideo 1890-1958*, Edhasa, Buenos Aires, 2009.

<sup>14</sup> Martins, Angela Maria Roberti e Souza, Ingrid Souza Ladeira de, "Vozes femininas do anarquismo na Argentina dos séculos XIX e XX", *LexCult*, Rio de Janeiro, 2, 2018, 210-244.

<sup>15</sup> Vidal, Daniel, *Flores Negras*, 47-48.

Embora aponte para diferentes propósitos dos jornais, as hipóteses e afirmações de Vidal não explicam a pouca presença de mulheres nos veículos gremiais. Uma investigação em jornais alinhados com diferentes categorias profissionais revelou que os grupos editoriais priorizavam a publicação de textos escritos por trabalhadores desses segmentos (estivadores, motoristas, pedreiros, etc.), tradicionalmente integrados por homens, o que poderia explicar a escassez de artigos de autoria feminina. O perfil ocupacional das mulheres em Montevideu demonstra que a concentração desta mão-de-obra estava no setor têxtil, reforçando a nossa hipótese de que quanto maior a presença masculina em determinada categoria profissional mais escritos de homens eram publicados<sup>16</sup>.

O objetivo que nos mobiliza neste primeiro conjunto de fontes é analisar os discursos de contestação e denúncia em periódicos que circularam em diferentes contextos e com distintos projetos editoriais, adotando a noção de que existe na imprensa anarquista uma polifonia de vozes. A fim de demonstrar a importância da propaganda para os periódicos e a polifonia de vozes nesses escritos, selecionamos para analisar alguns dos artigos assinados por mulheres publicados nos periódicos *El Derecho a la Vida*, *Tribuna Libertária* e *La Emancipación*.

*El Derecho a la Vida*, periódico anarquista, foi publicado pela primeira vez em Montevideu em 16 de setembro de 1893, fundamentando sua atuação nas ideias propostas por Piotr Kropotkin no livro *A Conquista do Pão*. Seus primeiros exemplares tiveram poucos artigos de ideias publicados, dando espaço para os acontecimentos internacionais.

Entre 1893 e 1896, o periódico publicou apenas pequenas notas sobre a condição das mulheres e nenhum escrito assinado por mulheres. As edições não apareciam diariamente e muitas vezes possuíam hiatos ocasionados pela irregularidade financeira, o que dificultava a publicação de mais textos. O único texto assinado por uma mulher, de nome Maria S., foi publicado na edição de número trinta e cinco (35), no ano de 1897.

As relações entre o periódico *El Derecho a la Vida* e as mulheres que militavam no espaço rio-platense ficaram evidentes com os fluxos entre o periódico de

---

<sup>16</sup> Lavrin, Asunción, *Mujeres, feminismo y cambio social en Argentina, Chile y Uruguay 1890-1940*, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, Santiago, 2005, 86-87.

Montevideu e o jornal *La Voz de la Mujer*, publicado em Buenos Aires, entre os anos de 1896 e 1897. O grupo editorial do periódico montevidiano ficou responsável pela conexão entre os grupos de Montevideu e o periódico de Buenos Aires, intensificando os fluxos de impressos entre as duas cidades.

O artigo assinado por María S. representava o encontro com os princípios anarquistas e a mudança de perspectiva dos engajados na causa. O texto tem dois momentos centrais: a crítica da anarquista ao empenho do pai pelo ideário e o encontro dessa mulher com a consciência revolucionária. O pequeno escrito ressalta o fato de a figura masculina, personificada pelo pai, servir-lhe de inspiração, franqueando o acesso da filha, uma mulher, às ideias anarquistas no seio familiar. Foi, portanto, no espaço da casa, no seio da família, que María S. conheceu o anarquismo e dele se aproximou, tornando-se uma militante<sup>17</sup>. María S. argumenta no texto que o projeto político antes visto como uma 'loucura' do progenitor, transformou-se em bastião da resistência e caminho na luta pela emancipação da mulher.

*"Anos atrás, quando meu pai falou com tanto entusiasmo e discutiu com tanta energia coisas que eu não entendia e que às vezes algum desgosto nos dava, eu disse que 'meu pai é louco!'. Mas compreendi um pouco o que ele estava dizendo, digo: meu pai não é louco, é um homem consciencioso, e assim são todos aqueles que pensam e lutam com ele. Não entendia certas coisas, mas chegou a hora, e estou pronta para propagar e combater por toda parte o que a Anarquia propaga"*<sup>18</sup>.

A militante esclarece que os propósitos maiores do projeto ácrata são o fim da desigualdade entre as classes e a garantia ao 'direito à vida' para homens e mulheres, como sugeria o próprio editorial do jornal. O internacionalismo e o fim das fronteiras aparecem no texto como uma solução para formação de uma família universal em que também se garantiria a igualdade entre os povos.

*"A Anarquia: um ideal sublime que tenta demonstrar a falta de razão para a existência dessa terrível desigualdade de classes. Em que poucos estão na opulência e a maioria na miséria aterradora; e pensar que nascemos todos para o mesmo propósito! A Anarquia que declara em voz alta toda forma de*

<sup>17</sup> Rago, Margareth, *Do Cabaré ao Lar*, 2014.

<sup>18</sup> *El Derecho a la Vida*, Montevideu, 04-1897, 3.

*Gobierno implica poder; e que todo poder implica opressão e que toda opressão arrasta tirania e engendra humilhação e onde há humilhação há miséria”<sup>19</sup>.*

O antimilitarismo e o conflito social finalizam as críticas de María S. aos padrões burgueses de sociedade. Os temas abordados por María são um exemplo da estratégia de militância das mulheres no anarquismo, isto é, em casos bem pontuais e momentâneos as mulheres apostaram em textos que envolviam os debates gerais do anarquismo, deixando em segundo plano as discussões de gênero. Entendemos por discussões de gênero os temas que envolviam os conflitos entre homens e mulheres, as questões ligadas à maternidade, à sexualidade, à união livre, ao amor livre. Esses temas, embora debatidos também por homens, e por isso ‘gênero’ e não ‘femininas’, foram prioridades na militância das mulheres<sup>20</sup>.

Nota-se no texto de María S. uma grande influência de Kropotkin; os elementos dos textos remetem às ideias difundidas pelo russo nos livros *A Conquista do Pão* e *Palavras de um revoltado*. A essência das fundamentações do teórico aparece no desenvolvimento das ideias que problematizam a importância da conscientização por meio da educação, questionam a posição da mulher e sua dupla escravização, a invisibilidade do trabalho doméstico não remunerado e as desigualdades entre homens e mulheres<sup>21</sup>.

Embora não apareça explicitamente no texto publicado no periódico *El Derecho a la Vida*, o debate em torno da emancipação da mulher e da igualdade entre os gêneros ganhou força no anarquismo rio-platense na virada do século XIX para o XX, principalmente com o crescimento da presença feminina nos meios ácratas. Esses debates contribuíram para definição das identidades de gênero no anarquismo e reforçaram a ideia de que a teoria e a prática no anarquismo não estavam em consonância, isto é, muitos homens pregavam a igualdade de gênero, mas não a praticavam<sup>22</sup>.

<sup>19</sup> *El Derecho a la Vida*, Montevideo, 04-1897, 3.

<sup>20</sup> Fernández Cordero, *Amor y Anarquismo*, 2017, 79.

<sup>21</sup> Kropotkin, Piotr, *A Conquista do Pão*, Achiamé, Rio de Janeiro, 2011, 84-85.

<sup>22</sup> Cawen, Inés Cuadro, *Feminismo y política en el Uruguay del novecientos. Internacionalismo, culturas políticas e identidades de género (1906-1932)*, AUDHI/Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo, 2018.

O periódico *Tribuna Libertaria*, publicado entre 1900 e 1909<sup>23</sup>, com tiragens em torno de 2.000 exemplares, concedeu espaço para as apreciações da militante e conferencista Amalia Calderini Morchio sobre a questão da emancipação e outros debates que envolviam as mulheres. Textos assinados por mulheres e sobre mulheres apareceram em doze (12) dos trinta e seis (36) exemplares editados pelo grupo do *Tribuna Libertaria*, totalizando 15 textos (incluindo dois poemas) sobre mulheres, sendo três artigos assinados por Amalia Calderini, um por Pascual Guaglianone<sup>24</sup> e um por Soledad Gustavo<sup>25</sup>.

No artigo titulado “Sobre la emancipación de la mujer”, Amalia Calderini reflete acerca da percepção dos homens anarquistas a respeito da emancipação da mulher. Neste caso, trata-se de uma refutação do artigo publicado no periódico *El Rebelde*, que circulou em Buenos Aires entre os anos de 1898 e 1903, e assinado por Zelasnog, anagrama do sobrenome González<sup>26</sup>, cujo argumento central é a inferioridade da mulher e sua incapacidade de ‘governar a si mesma’, questionando, portanto, a própria luta anarquista pela emancipação da mulher.

O argumento de Zelasnog estava baseado, segundo Amalia Calderini, na ideia de que a mulher era um ser biologicamente inferior ao homem, portanto, suas desproporções físicas não se restringiam apenas ao corpo, mas também ao cérebro. Calderini contesta que as questões biológicas não eram determinantes para sua condição de duplamente escravizada e que Zelasnog desconsideraria toda conjuntura social, cultural e econômica em que as mulheres trabalhadoras estavam inseridas e os processos históricos em que o gênero foi construído<sup>27</sup>.

*“Além do fato de que a força física não é a principal causa dessa inferioridade, que depende principalmente das condições econômicas que estão na base da evolução da família e da sociedade, perguntamos: se as mulheres são mais fracas que os homens, por que lhe reservam os trabalhos mais duros e mal pagos, e porque, embora o trabalhador seja mais forte que o patrão, é por sua*

<sup>23</sup> Este período engloba várias épocas de um mesmo periódico.

<sup>24</sup> Conferencista anarquista, publicou vários artigos no periódico *La Protesta* e participou de diversos giros de propaganda no espaço rioplatense e companheiro de Amalia Calderini.

<sup>25</sup> Pseudônimo de Teresa Mañé i Miravent. Anarquista espanhola, fundadora da *La Revista Blanca* e companheira do anarquista Juan Montseny (Federico Urales).

<sup>26</sup> Pode se tratar do pseudônimo de algum militante, mas não obtivemos indícios que pudessem confirmar a identidade do autor.

<sup>27</sup> Scott, Joan, “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, 2, 1995, 71-99, 83.

*vez escravo deste, pois segundo Zelasnog a escravidão depende de maior ou menor força física?"*<sup>28</sup>

A construção do imaginário sobre as mulheres trabalhadoras sempre envolveu a ideia de que o lugar da mulher é no lar, no seio da família exercendo papel principal na criação dos filhos e cuidado com o marido e o lar. Alguns textos cujas temáticas são a maternidade voluntária e consciente ou o combate ao militarismo, redigidos por militantes ácratas, argumentam que as mulheres são as responsáveis por impedir que os filhos escolham seguir caminhos não anárquicos. Os homens, maridos e pais destas crianças, não são mencionados nesses textos como parte do processo de criação e igualmente incumbidos das decisões.

O discurso de que as mulheres eram inferiores aos homens, incapazes de tomar as próprias decisões e destinadas à família e ao lar não foi uma exclusividade de alguns militantes anarquistas. Os socialistas também acreditavam que existiam diferenças incontornáveis entre os gêneros. Friedrich Engels no livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* justificou que a participação das mulheres no espaço público gerava confusão e desarmonia na família e impactava na vida dos filhos<sup>29</sup>.

A noção de inferioridade foi reforçada pela medicina. As teorias científicas apontavam que o peso dos cérebros de homens e mulheres era diferente e que o único papel conferido a elas seria o da maternidade e do cuidado para com o lar. Maria Lacerda de Moura, libertária brasileira, refutou todas essas afirmações científicas no livro *A mulher é uma degenerada?*, publicado em 1921, vinte anos após o artigo de Amalia Calderini. No que diz respeito a esse discurso, Margareth Rago afirma que

*"de modo geral, o discurso operário masculino fala da e para a mulher trabalhadora, definindo-a simbolicamente como 'sexo frágil', física e moralmente, numa atitude paternalista que visa protegê-la contra os domjuans das fábricas e conscientizá-la da importância de sua organização política. Nesse sentido, o movimento operário, mesmo o anarquista, atribui-se o direito de liderança sobre as mulheres, seja devido à sua 'débil constituição*

<sup>28</sup> *Tribuna Libertaria*, Montevidéu, 10-02-1901, 2.

<sup>29</sup> Para o caso anarquista podemos citar ainda as formulações misóginas do teórico Pierre-Joseph Proudhon, que comungava da ideia da inferioridade das mulheres.

*física', seja devido à falta de combatividade que caracteriza a 'natureza feminina'”<sup>30</sup>.*

A ideia de Zelasnog, que defende a restrição à presença das mulheres no espaço público, também é refutada por Amalia Calderini sob o argumento de que a mulher é igualmente livre. A partir da ideia de igualdade, Calderini defende que as mulheres começaram a adotar novos modelos de família em que os papéis eram igualitários, evitando relacionamentos em que os homens tivessem o papel de 'protetores' do lar e da família, defendendo a união livre e o amor livre. A anarquista Emma Goldman defendeu, em 1910, que as mulheres se libertassem dos padrões patriarcais baseados em tradições não condizentes com o projeto libertário<sup>31</sup>. Segundo Amalia Calderini, no novo modelo de família

*“a mulher seria igualmente livre; é por isso que as mulheres de hoje preferem renunciar a este paraíso e sonhar com a família, sim, mas livre, sem protetor; a família na qual ela não deveria estar é a de sempre; onde ela é igual ao homem sem a necessidade de sua proteção, que não será necessária para mais... o apoio individual vale a solidariedade dos membros de uma comunidade”<sup>32</sup>.*

Com os recorrentes embates entre ácratas e respostas aguerridas aos artigos publicados em outros periódicos, as discussões presentes nas edições do *Tribuna Libertaria* mobilizavam muitos militantes e alcançavam outros círculos de sociabilidade do espaço rio-platense. A publicação da resposta de Amalia Calderini é uma prova do compromisso do periódico com a pauta das mulheres, abrindo espaço para discussão de ideias opostas e para a recepção de escritos que tivessem o público feminino como alvo principal. Ainda em 1901, após a veiculação da refutação de Calderini, *Tribuna Libertaria* publicou um artigo de Pascual Guaglianone abordando a emancipação da mulher e no qual o militante reafirma sua oposição às ideias defendidas por Zelasnog.

A dupla contestação de seus articulistas ao texto publicado no periódico *El Rebelde* permite, através dos indícios, inferir que o próprio *Tribuna Libertaria* refutou as

<sup>30</sup> Rago, Margareth, *Do cabaré ao lar*, 96.

<sup>31</sup> Goldman, Emma, “A tragédia da mulher emancipada”, em Lins, Mariana (ed.), *Sobre anarquismo, sexo e casamento*, Ed. Hedra, São Paulo, 2021, 129.

<sup>32</sup> *Tribuna Libertaria*, Montevidéo, 10-02-1901, 2.

noções que inferiorizavam as mulheres e suas lutas. Em momentos distintos, o periódico apresentou as ideias de Calderini e Guaglianone a fim de demarcar a posição do jornal e do grupo editorial sobre o assunto, estabelecendo pontes com as mulheres que militavam naquela conjuntura no anarquismo<sup>33</sup>.

A questão da inferioridade da mulher e sua incapacidade de cuidar da própria emancipação esteve presente nos mais diversos periódicos, em especial nos periódicos anarquistas preocupados com as estruturas organizacionais do movimento. Esses jornais estavam mais focados em clamar pelas demandas das federações locais, sociedades de resistência e grêmios, além de manter um perfil firme na propaganda. Isto posto, abriram espaço em suas páginas para noticiar as iniciativas dessas associações, denunciar abusos nos locais de trabalho e convocar boicotes e greves.

O jornal *La Emancipación*, órgão da Federación Obrera Regional Uruguayaya (FORU), é um exemplo de periódico ligado a uma federação, destinado, portanto, a difundir o conteúdo produzido pela federação e sociedades de resistência filiadas. O jornal circulou entre 01 de janeiro de 1907, auge da FORU, e 12 de junho do mesmo ano, editando apenas cinco exemplares devido a dificuldades de impressão e a falta de aderência das sociedades que se encontravam filiadas a outros periódicos<sup>34</sup>. Suas pautas abordavam as condições da classe trabalhadora, a luta pela conquista das oito horas de trabalho e a circulação de um jornal com preço mínimo (um peso, segundo o editorial), citando esporadicamente as mulheres.

*La Emancipación* abre espaço para a reflexão sobre as condições de trabalho das mulheres, principalmente das que atuavam nas fábricas. Dos cinco (5) exemplares investigados e analisados apenas duas (2) edições abordaram questões relacionadas às mulheres, sendo todos os textos firmados em nome da própria redação. O primeiro tratou dos acidentes fatais que vitimaram as operárias Rosa Amodeo e Carmen Matuzzo, ambas trabalhadoras de fábricas em Montevideu; e o segundo texto fez referências às extenuantes jornadas de trabalho a que as mulheres eram submetidas.

---

<sup>33</sup> Sobre a relação dos homens com a emancipação da mulher, conferir: Martins, Angela Maria Roberti e Souza, Ingrid Souza Ladeira de, "A experiência histórica do anarquismo perante a questão das relações de gênero: dimensões da luta na Argentina e no Brasil", *Revista Semioses*, Rio de Janeiro, 2, 2018, 15-37.

<sup>34</sup> Muñoz, Pascual, *La Primera Huelga General en el Uruguay*, La Turba Ediciones, Montevideu, 2011, 20-25.

O texto “Trabajadores esclavos” explorou a necessidade de organização dos trabalhadores e trabalhadoras nas sociedades de resistência. A conjuntura de ascensão e reorganização da FORU e de todos os órgãos colegiados a ela estimulou a formação de sociedade e grêmios, redimensionando as pautas de luta. A questão das 8 horas diárias de trabalho foi uma reivindicação central da classe trabalhadora, sendo encampada pelas diferentes vertentes políticas que atuavam no movimento operário.

Este artigo inicia narrando a rotina de trabalho de um condutor de bonde que trabalha cerca de 10 a 16 horas diárias. O trabalho exaustivo colocava em risco, segundo o artigo, a vida do condutor, dos passageiros e dos pedestres que andavam pelas ruas da cidade de Montevidéu. A cobrança por um trabalho rápido e eficaz obrigava ao empregado a operar o bonde em velocidade acima da permitida no perímetro urbano sob pena de desconto no salário ou eventuais multas por atraso. O tom de denúncia do artigo expõe uma insistente demanda que gerava protestos de diferentes categoriais desde 1885.

*“A redução da jornada de trabalho, o descanso de um dia por semana e o trabalho noturno foram os três grandes temas que ocuparam as páginas dos jornais sindicais e as reivindicações das organizações sindicais. No Uruguai, estivadores e tipógrafos exigiram a redução da jornada de trabalho em 1885 e isso permaneceu como causa de inúmeros conflitos envolvendo marmoristas, pedreiros, cocheiros e descarregadores de ferrovias em 1895, e sapateiros, fabricantes de charutos, casamenteiras, fabricantes de alpargatas e trabalhadores do quartel em 1901”<sup>35</sup>.*

A necessidade de reorganização do sindicato das trabalhadoras das oficinas de engomadoria (passadeiras e lavadeiras) é mencionada no texto como a saída para evitar a maior exploração dessas mulheres. Contudo, apesar de fazer um questionamento à exploração dessas mulheres pelos patrões, o texto reforça o discurso de que a inferioridade das mulheres e o trabalho exaustivo acarretavam a degeneração do próprio gênero. O espaço da produção / trabalho é o disciplinador do cotidiano e da vida das mulheres, impactando até na estrutura de seus corpos<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> Lobato, Mirta Zaida, *La prensa obrera*, 125.

<sup>36</sup> Rago, Margareth, *Do cabaré ao lar*.

*“Um dos sindicatos mais impiedosamente saqueados pelo trabalho aniquilador, miseravelmente pago e ridículo para quem o realiza, porque até mesmo repudiado de toda consideração social, é sem dúvidas o sindicato das engomadoras. Infinita seria a descrição daquelas oficinas de engomadoria onde inúmeras mulheres (durante 12 a 16 horas), a maioria jovens, muitas delas em plena floração juvenil, no período núbil do desenvolvimento, o período fisiológico mais delicado das mulheres, que realizam o trabalho, em que consomem não apenas suas energias, mas onde gradualmente esgotam seus pulmões e murcham sua juventude de forma estéril, esgotamento que as lança ladeira abaixo do consumo, paralisa suas mãos e doenças do peito, até a neutralização do sexo, a morte prematura e degeneração da espécie”<sup>37</sup>.*

O forte tom de denúncia do periódico *La Emancipación* nos possibilita apontar uma série de elementos do discurso anarquista e do imaginário da inferioridade da mulher. De fato, as extenuantes horas de trabalho foram prejudiciais para a saúde da mulher, contudo, quando analisam, no mesmo artigo, as condições de trabalho masculino não enfatizam a saúde do homem ou seu ‘estado delicado’, preocupando-se com multas e descontos salariais. As engomadoras são descritas no trecho destacado como frágeis e incapacitadas pelas longas horas de trabalho de (re)organizar o seu próprio sindicato, principalmente quando se tratava de mulheres jovens em período menstrual. É nítido que ao defender melhores condições de trabalho para as mulheres, o periódico diz nas entrelinhas que por ser o ‘sexo frágil’ elas precisariam da ajuda de um homem.

A historiadora Mirta Lobato, entretanto, argumenta que as casamenteiras, categoria também citada no texto, estiveram na vanguarda da luta pela jornada de oito (8) horas diárias de trabalho. Muitas dessas trabalhadoras faziam hora extra para garantir que a produção saísse pontualmente nos horários determinados e não prejudicasse o andamento da fábrica. As obrigações impostas no pós-produção foram determinantes para a garantia dos empregos. No caso das casamenteiras a denúncia incide sobre o ônus de participar das atividades de sociabilidade da fábrica sob pena de demissão, tirando o caráter espontâneo das trocas sociais entre as trabalhadoras e trabalhadores e a capacidade organizativa dessas mulheres.

---

<sup>37</sup> *La Emancipación*, Montevideú, 10-06-1907, 4.

*“Outras trabalhadoras que ainda sofrem condições denegridoras são as casamenteiras; as que trabalham nas fábricas de doces e biscoitos e as que trabalham nas fábricas de conservas. Contam-nos que uma fábrica credenciada na praça comercial, na hora de preparar as perdizes, faz com que as trabalhadoras trabalhem três horas extras à noite, com a promessa de lhes dar um presente por esse excesso, terminada a época, convidam o pessoal da fábrica, homens e mulheres a irem a um churrasco como sinal de gratidão, não obrigas quem não quer partilhar na orgia, mas quem não vai a degradante farra, lhes fecham a porta e as expulsam”<sup>38</sup>.*

Ao fim do artigo, a redação do periódico retoma a questão da emancipação das mulheres enfatizando que esse movimento precisa ser obra dos ‘homens de ideias’. A visão do jornal é ainda mais contraditória se compararmos com os escritos do *El Derecho a la Vida* ou com a resposta de Amalia Calderini em *Tribuna Libertaria*, isto é, ao mesmo tempo em que conclamam as mulheres para que tenham iniciativas e se organizem, atribuem a emancipação dessas mulheres aos homens. A narrativa que denuncia a exploração reforça que é na luta do militante homem que a mulher terá assegurada a sua emancipação, corroborando com uma concepção equivocada da emancipação e uma visão paternal a respeito da mulher. Segundo a historiadora Margareth Rago,

*“a preocupação dos jornais operários ao retratarem as condições de trabalho da mulher atém-se, portanto, ao aspecto moral da relação de dominação exercida no interior da fábrica. A mulher ingênua pede socorro do militante masculino. Denunciando a exploração do trabalho feminino sempre sob o ângulo do atentado ao pudor, o discurso operário reforça a representação da fábrica como espaço pouco indicado para a delicada presença feminina e, deste modo, a intenção de preservação da mulher contra a imoralidade do processo de trabalho atua no sentido de defender o espaço masculino na produção e de valorizar a força de trabalho do homem”<sup>39</sup>.*

A partir da análise desses três periódicos e dos escritos selecionados conclui-se que embora inseridas no movimento anarquista, as mulheres ainda esbarravam em narrativas que as invisibilizaram. Os homens são figuras importantes nos três escritos:

<sup>38</sup> *La Emancipación*, Montevidéo, 10-06-1907, 4.

<sup>39</sup> Rago, Margareth, *Do cabaré ao lar*, 95.

María S. conheceu a anarquia através do pai e não cita sua própria emancipação como um princípio a ser perseguido em sua militância; Amalia Calderini escreveu um texto para refutar as argumentações de inferioridade do militante Zelasnog; e a denúncia do *La Emancipación* atribui aos homens a iniciativa de emancipar as mulheres.

Percebemos nesses três escritos as dinâmicas de gênero no movimento ácrata rio-platense, mas também como se davam seus conflitos. A inferioridade da mulher ainda era uma ideia persistente e recorrentemente combatida pelas próprias militantes, a crença de que a mulher não tinha capacidade moral e física para lutar por si mesma foi robustecida com a ampliação de suas atuações no âmbito público, ameaçando uma hegemonia masculina nos locais de trabalho e espaços de sociabilidade.

### **Experiências organizativas das mulheres: estudo preliminar sobre os jornais *Regeneración* e *La Nueva Senda***

A conjuntura de revolta, entre 1906 e 1910, contra as autoridades policiais, intensas perseguições aos militantes e eclosões de atos grevistas capitaneados por sociedades de resistência, sindicatos e federações, influenciou a construção de projetos editoriais dirigidos por mulheres envolvidas nas redes de militância do anarquismo rio-platense<sup>40</sup>. Essas experiências adquiridas no dia a dia militante, em perspectiva thompsoniana, ajudaram a conformar uma imprensa dirigida por mulheres, que ascendeu no final do século XIX, com a publicação do *La Voz de la Mujer* em Buenos Aires, e seguiu até 1925 com o fim do periódico *Nuestra Tribuna*, publicado entre Necochea e Buenos Aires. Contudo, entre essas duas iniciativas, outras propostas de periódicos dirigidos por mulheres, mas que adequados as suas conjunturas, não faziam apenas propaganda para mulheres.

Em Montevidéo, duas experiências editoriais dirigidas por mulheres se destacam: *Regeneración* e *La Nueva Senda*. Os objetivos combativos do grupo editor do periódico *Regeneración*, dirigido por Virginia Bolten, ficaram nitidos em seu título que significava uma regeneração da sociedade afetada pelo sistema capitalista. A

---

<sup>40</sup> López D'Alessandro, Fernando, *Historia de la izquierda uruguaya: anarquistas y socialistas (1838-1910)*, Ediciones del Nuevo Mundo, Montevidéo, 1992.

escolha desse título também denotava a uma missão messiânica e predestinada do anarquismo.

*Regeneración* começou a circular em 09 de janeiro de 1906 e findou em 22 de março do mesmo ano, publicou três exemplares no total. Sua sede estava localizada à rua Rodríguez Larreta, 9, Pocitos, Montevideu. O grupo editorial era formado por Virginia Bolten, Sanchez (sobrenome de um militante não identificado) e José Dante<sup>41</sup>, e contava, ainda, com colaboradores que assinavam apenas com suas iniciais<sup>42</sup>. O periódico esteve em constante conexão com jornais e militantes de Rosário, na Argentina, cidade em que o casal Virginia Bolten e Manuel Manrique<sup>43</sup> construíram suas bases de atuação.

O jornal debateu alguns temas-chave, como a perseguição policial e a situação dos anarquistas no espaço rio-platense perante a 'Lei de Residência'<sup>44</sup>, a expropriação dos bens dos burgueses, a necessidade de uma organização dos anarquistas mais dispersos com a intenção de formar uma base, as denúncias das condições laborais da classe trabalhadora e a extinção das instituições de apoio ao Capital, Estado e Igreja. A propósito do tema das condições de trabalho, na primeira edição do *Regeneración* o grupo editorial destacou uma convocação aos trabalhadores para que denunciasses casos de perseguição e exploração.

*"Aviso. Pedimos a todos os camaradas que estão sujeitos a perseguições e abusos por parte das autoridades e patrões, que nos enviem uma nota detalhada do fato para fazer eco das injustiças e reclamar energicamente a quem possa interessar"*<sup>45</sup>.

Os esforços pela conquista das oito (8) horas de trabalho perpassaram as três edições publicadas, cujos textos apontavam para a luta de homens e mulheres em países da Europa e do espaço rio-platense, em uma clara tentativa de incentivar os leitores a aderir à campanha. O repúdio às perseguições policiais ficou explícito em todas as edições, principalmente nos escritos que abordavam a repressão iniciada

<sup>41</sup> Não foi possível identificar dados biográficos sobre o autor/autora do texto.

<sup>42</sup> Souza, Ingrid Souza Ladeira de, "Salimos a la Lucha...sin Dios y sin Jefe", 39.

<sup>43</sup> Imigrante espanhol, dirigente do grêmio dos sapateiros e companheiro de Virginia Bolten. Constantemente vigiado pela polícia, articulou a criação de grupos entre as cidades de Rosário-Buenos Aires- Montevideu.

<sup>44</sup> Promulgada na Argentina em novembro de 1902, consistia em um instrumento jurídico que previa a sumária expulsão de estrangeiros considerados perigosos pelas autoridades policiais.

<sup>45</sup> *Regeneración*, Montevideu, 09-01-1906, 3.

após a aprovação da 'Lei de Residência' na Argentina ou ao que chamaram de 'armadilhas' das autoridades policiais<sup>46</sup>.

O periódico organizou uma intensa campanha em favor dos presos na greve de La Teja, que ocorreu no bairro operário de mesmo nome localizado na cidade de Montevideu e foi liderada por operários que construíam o novo porto. O grupo editor, sob a liderança de Virginia Bolten, instituiu um comitê de apoio aos presos e divulgou suas respectivas situações jurídicas. Neste comitê estiveram reunidos diversos associados de grêmios ligados a categoriais, que, após realizarem reuniões, optaram pela organização de uma defesa judicial dos companheiros presos, recolhendo fundos através de doações e organizando veladas e conferências.

*"Na última reunião dos delegados sindicais, convocada pelo 'Comité pró-presos', foi aprovado que a defesa judicial dos camaradas seja devidamente organizada e ao mesmo tempo auxiliá-los com os fundos arrecadados, organizando noites e conferências para arbitrar mais meios. Doações isoladas podem ser enviadas ao 'Comité pró-presos para assuntos sociais' instalado provisoriamente na rua Río Negro, 274"*<sup>47</sup>.

Virginia Bolten, Manuel Manrique e parte do grupo editor já haviam se engajado na greve de La Teja e na luta por melhores condições de trabalho no canteiro de obras em que se transformou o bairro com a construção do porto. Bolten participou, junto com os militantes Joaquín Hucha<sup>48</sup> e Adrián Troitiño<sup>49</sup>, de ciclos de conferências ministradas aos grevistas<sup>50</sup>. As alianças entre Bolten, Hucha e Troitiño foram tecidas ainda em 1901, quando Virginia realizou uma turnê de conferências no espaço rio-platense.

O editorial do periódico explicava à leitora e ao leitor seu caráter formativo, aspirando alcançar a classe trabalhadora por meio de uma linguagem crítica. Organizar uma base seria o primeiro passo para que *"todos desfrutassem das supremas alegrias da vida"*, segundo os membros do grupo editorial. A partir disso,

<sup>46</sup> Flagrantes armados pela polícia, infiltração de agentes no ambiente libertário, atração de anarquistas para se converter e trabalhar para polícia, entre outros.

<sup>47</sup> *Regeneración*, Montevideu, 25-02-1906, 2.

<sup>48</sup> Imigrante espanhol, expulso da Argentina com base na 'Lei de Residência', membro da sociedade dos padeiros.

<sup>49</sup> Imigrante galego, membro da sociedade de padeiros. Foi expulso da Argentina em 30 de novembro de 1902 rumo a Barcelona, mas, através de campanhas de arrecadação, retornou ao Rio da Prata em 1904.

<sup>50</sup> Prieto, Agustina, Fernández Cordero, Laura e Muñoz, Pascual, "Tras los pasos de Virginia Bolten", *Políticas de la Memoria*, Buenos Aires, 14, 2013/2014, 209-219.

direcionavam os aderentes para atividades que contribuiriam com o fortalecimento do movimento anarquista. Segundo o editorial, o periódico tinha como objetivo principal

*“ser uma folha de propaganda dos grandiosos ideias comunista-anarquistas, sob seus múltiplos pontos de vista, contribuindo para formação de cérebros esgotados de preconceitos, banalidades, erros atávicos, misticismos e idolatrias absurdas e tácitas escravidões, e toda a série de flagelos purulentos que oprimem a humanidade, para criar espíritos fortes e determinados, que tenham energia suficiente para lançar as bases da sociedade futura e dar origem a um tempo de rápida transformação para aquele estado harmonioso em que a verdade será adorada e todo mal será repudiado, para que todos possam desfrutar das supremas alegrias da vida. [...] Em uma palavra: vamos lutar com nossas maiores energias pelo triunfo da Anarquia que preconiza uma sociedade livre de juízes, governantes, clérigos e todos os canalhas parasitas que compõem o abominável organismo social, que escraviza a humanidade, pesando sobre ela desde o início de sua história. A redação”<sup>51</sup>.*

Com relação às mulheres, examinando os três exemplares encontramos apenas um artigo que faz clara referência a sua condição social. O texto “La mujer en la sociedad” foi publicado na primeira edição, 09 de janeiro de 1906, e assinado por D. Porbuenas<sup>52</sup>. Fazia um alerta para as múltiplas escravizações das mulheres e atribuía ao homem a criação de um ambiente hostil às mulheres no âmbito social, político e econômico, ponto de vista distinto dos escritos que apontavam para uma inferioridade da mulher.

*“A mulher é uma vítima na sociedade atual, uma vítima como uma filha que vê seus gostos e inclinações suplantados; vítima em seu caráter de esposa, tiranizada pelos absurdos da religião e do Estado; uma vítima em suas ações mundanas tendo que se submeter aos preceitos ridículos e desnaturais de uma moral insana, vítima de sua educação e de preconceitos sociais; vítima por sua inferioridade física e vítima sempre, pelas duras críticas que assola os atos mais pueris de sua vida”<sup>53</sup>.*

<sup>51</sup> *Regeneración*, Montevideu, 09-01-1906, 1.

<sup>52</sup> Não foi possível identificar dados biográficos sobre o autor/autora do texto.

<sup>53</sup> *Regeneración*, Montevideu, 09-01-1906, 1.

Ademais, a diretora Virginia Bolten publicou um artigo no periódico em defesa da organização dos militantes em federações e associações. Foram as redes tecidas em torno da figura de Bolten que proporcionaram a circulação do periódico no interior do Uruguai, principalmente na cidade de Salto, e as conexões com militantes que integravam o Centro Internacional de Salto e o periódico *La Voz del Pueblo*, dirigido por Sarah Bergara.

Após uma temporada de circulações entre Rosário, Montevideu e Salto, Virginia Bolten e Manuel Manrique retornaram a Buenos Aires em 1907 e participaram ativamente de outras iniciativas como a Greve de Inquilinos. O retorno do casal para Montevideu aconteceu após as perseguições e expulsões iniciadas pelo Chefe de Polícia Ramón Falcón em resposta aos grevistas de 1907.

Em 18 de setembro de 1909, após o retorno de Virginia Bolten e outros perseguidos e perseguidas, reuniram-se na rua Reconquista, Montevideu, número 26, os membros do grupo editorial do periódico *La Nueva Senda*. Fruto de um agregado de experiências vivenciadas em diferentes frentes da militância anarquista, o jornal congregou em torno de si uma densa rede de militantes empenhados e empenhadas na reorganização das sociedades e federações anarquistas que enfrentavam adversidades desde 1908.

O contexto em que o periódico iniciou sua circulação foi de intensificação das políticas de vigilância aos anarquistas, de ampliação das redes no espaço rio-platense e da acentuação das disputas internas ao movimento anarquista uruguaio pelo controle da FORU, gerando um enfraquecimento da federação junto aos militantes, aos sindicatos e grupos afiliados. Após intensos confrontos nos anos de 1905 e 1906, a eclosão de greves e manifestações de trabalhadores diminuíram consideravelmente nos anos de 1908 e 1909, permitindo uma desagregação dos grupos anarquistas<sup>54</sup>.

---

<sup>54</sup> Muñoz, Pascual, *La Primera Huelga General en el Uruguay*.

Virginia Bolten e Juana Rouco Buela<sup>55</sup> administravam o periódico; o grupo editor era formado ainda por Francisco Berri<sup>56</sup>, Adrian Troitiño e Ladislao Hommes<sup>57</sup>. Com exceção de Juana Rouco, os demais integrantes formaram, a partir de janeiro de 1910, a agrupação 'La Nueva Senda', que gerenciava o jornal e se intitulava um grupo de afinidades e militância. As colaboradoras e colaboradores estiveram mobilizados em Montevideu, Salto, Buenos Aires e em cidades espanholas como Las Palmas, Madri e Barcelona. As conexões estabelecidas por Juana Rouco em sua passagem pela Europa no ano de 1908 possibilitaram um fluxo maior entre os militantes do Rio da Prata e espanhóis, como Teresa Claramunt<sup>58</sup> e P. Dante Malato<sup>59</sup>.

A propósito disso, os contatos de Virginia Bolten permitiram a difusão do jornal e a atração de agentes de venda e distribuição. José Lamas<sup>60</sup>, por exemplo, atuou na primeira fase do jornal como agente em Buenos Aires, passando depois a função para o editor e livreiro Bautista Fueyo<sup>61</sup>, que assumiu a função provisoriamente no começo de 1910. A participação de Fueyo na distribuição do jornal foi de suma importância para o aumento das tiragens, em virtude da grande circulação de pessoas na livraria do editor espanhol<sup>62</sup>.

A partir de 1910 e até o fim da circulação do *La Nueva Senda* no mesmo ano, Gregorio Del Valle<sup>63</sup> atuou como agente em Buenos Aires. Por conta da vigilância e perseguição policial, Juana Rouco fugiu de Montevideu e regressou a Buenos Aires,

---

<sup>55</sup> Imigrante espanhola, militou em Buenos Aires, Montevideu, Rio de Janeiro, São Paulo, Barcelona, Gênova e Marselha. Embarcou para Barcelona em janeiro de 1908 fugindo da perseguição em Buenos Aires. Destacada oradora, publicou em diversos periódicos anarquistas no Atlântico sul-americano, autora do folheto *Mis Proclamas* (publicado por editorial anarquista do Chile). Foi uma das fundadoras do periódico *Nuestra Tribuna* (Necochea-Tandil-Buenos Aires, 1922-1925). Publicou em 1964 a autobiografia *História de um ideal vivido por uma mulher*.

<sup>56</sup> Imigrante espanhol, padeiro, secretário da Sociedad de Panaderos, administrador do periódico *El Obrero Panadero*. Foi um dos oradores da grande manifestação de 1º de maio de 1901 realizada em Buenos Aires. Por ocasião da greve de 1902 exilou-se em Montevideu participando da FORU e de outros grupos ácratas que atuavam no espaço rio-platense.

<sup>57</sup> Não identificamos dados biográficos deste militante, é possível que se trate de um pseudônimo.

<sup>58</sup> Anarquista espanhola, de origem catalã, fundou o periódico *El Productor* e colaborou para jornais como *La Tramuntana*, *La Revista Blanca*. Entre 1907 e 1908, dirigiu o diário *El Rebelde*. Atuou como operária na indústria têxtil, participando ativamente da campanha pela redução da jornada de trabalho.

<sup>59</sup> Não identificamos dados biográficos deste militante.

<sup>60</sup> Não identificamos dados biográficos deste militante.

<sup>61</sup> Livreiro e editor anarquista oriundo das Astúrias. Bautista Fueyo y Gutiérrez ganhou fama no Rio da Prata em 1901, após a instalação de uma primeira livraria. Foi administrador do periódico *La Protesta*. Em 1905, foi enviado a Montevideu pelas autoridades policiais. Sua livraria foi incendiada em maio de 1910 por grupos nacionalistas incentivados pelo governo.

<sup>62</sup> Cunha, Eduardo Augusto Souza, "Editar a Revolta: edição e circulação de impressos anarquistas em Buenos Aires (1890-1905)", Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2018, 315.

<sup>63</sup> Não identificamos dados biográficos deste militante.

deslocando-se, depois, para cidade de La Plata, onde atuou durante alguns meses como agente do jornal.

O periódico *La Nueva Senda* pretendeu ser uma das muitas iniciativas de reorganização da FORU, estimulando em seus textos a reaproximação da federação com as sociedades de resistência e grupos ácratas do espaço rio-platense. As conexões do grupo editor com militantes residentes em Buenos Aires e Rosário foi um facilitador para a inserção das propostas do periódico nos espaços de militância e na manutenção da agrupação 'La Nueva Senda' após o fim do jornal. A retração do movimento se deu pelas inúmeras perseguições, demonstrando que o aprimoramento das práticas de vigilância ao anarquismo estava surtindo efeitos no espaço rio-platense.

Sobre a organização dos grupos, a redação publicou:

*"tentaremos fortalecer as poucas organizações existentes, tentaremos reorganizar os grupos dissolvidos, buscaremos organizar o maior número possível de guildas em uma sociedade de resistência. Para isso, usaremos todos os meios à nossa disposição, não só dedicaremos atenção especial ao jornal, mas aproveitaremos a tribuna, as reuniões, o manifesto etc. Em suma, devemos tentar dar vida à Federação dos Trabalhadores que atualmente está pouco menos do que morrendo, para que quando lançar alguma iniciativa tenha algum valor na opinião pública"*<sup>64</sup>.

As preocupações com a organização e as dinâmicas internas do movimento anarquista permaneceram presentes nas edições do periódico, o tom combativo insistia na necessidade de se criar uma imprensa formadora e mais próxima das associações, grupos e sociedades, questão debatida à exaustão pelo periódico *Regeneración*, em 1906. O grupo editor defendia que a imprensa anarquista fosse uma junção da teoria e da prática, possibilitando a expansão do anarquismo e a formação de novos quadros. O compromisso do *La Nueva Senda*, portanto, era divulgar o ideário anarquista e (re)organizar o movimento intermediando contatos e conexões com grupos diversos, sobretudo os localizados em Buenos Aires e Rosário.

---

<sup>64</sup> *La Nueva Senda*, Montevideu, 18-09-1909, 1.

*"[...] entendemos que a imprensa anarquista, além da seção doutrinária que pode conter, deve ser combativa, agitadora e sobretudo de interesse dos trabalhadores. Não acreditamos que seja suficiente fazer um jornal, encher suas colunas de artigos teóricos que só interessam aos militantes, é preciso escrever para o neófito, para o inconsciente, justamente para quem não entende de ideias. [...]"*<sup>65</sup>

A participação de Juana Rouco e Virginia Bolten no *La Nueva Senda* inseriu a pauta da organização das mulheres no anarquismo como um avanço importante para a visibilidade das lutas no movimento. Bolten e Rouco defendiam a criação de grupos e jornais formados exclusivamente por mulheres e direcionados para mulheres, aos moldes de experiências anteriores como o grupo 'Las Libertarias', e o jornal *La Voz de la Mujer*, ambos de Buenos Aires.

No que diz respeito à participação feminina no periódico para além da presença de Rouco e Bolten no grupo editor, uma pesquisa nas edições disponíveis nos arquivos históricos constatou doze artigos assinados por mulheres. Teresa Claramunt, América Castellanos<sup>66</sup> e as próprias Virginia Bolten e Juana Rouco tiveram seus escritos editados<sup>67</sup>. Seguindo a linha editorial adotada pelo grupo editor, os textos abordavam a necessidade de uma organização mais densa das mulheres e indicavam a possibilidade para a construção de grupos de afinidade.

O texto de América Castellanos, enviado de Buenos Aires para o jornal em 1910, relembra as lutas anarquistas e a necessidade na busca pela emancipação humana. O artigo "Nuestras luchas" traça uma trajetória das lutas ácratas argumentando que não se trata de atos isolados, mas sim de um conjunto de ideias e ideais com propósitos coletivos. Observa-se que no texto não existe nenhuma referência visível às mulheres, mas um alinhamento ao planejamento do jornal de se consolidar como um veículo de formação política. Sobre as lutas anarquistas, Castellanos argumentou:

*"Fim do anarquismo! Lá os fracos rugiam, altivos de poder, graças à imbecilidade da ralé, ante o gesto justo de um dos nossos camaradas, que se*

<sup>65</sup> *La Nueva Senda*, Montevidéo, 18-09-1909, 1.

<sup>66</sup> Não identificamos dados biográficos desta militante.

<sup>67</sup> O mais importante escrito de Juana Rouco sobre as mulheres no periódico foi publicado na primeira página da edição de lançamento. O artigo foi intitulado "A las mujeres" ("Às mulheres").

*ergueu orgulhoso como um cume sobre uma cidade de covardes. Estimule os anarquistas! Não, senhores, vocês são muito pequenos para reivindicá-lo! O anarquismo é a última palavra em filosofia; é um ideal altamente humano, de amor, liberdade e justiça, é uma consequência lógica, inevitável do progresso humano... A anarquia será, contra todos e apesar de todos... Os ideais não se exterminam!"*<sup>68</sup>

Após a fuga de Juana Rouco para Buenos Aires, em outubro de 1909, a segunda fase do *La Nueva Senda* foi administrada por Virginia Bolten. Durante esta etapa, o jornal esteve, especialmente, voltado para a promoção de campanhas de libertação dos presos que participaram dos protestos de oposição ao fuzilamento do educador espanhol Francisco Ferrer y Guardia e para noticiar o assassinato do Chefe de Polícia argentino Ramon Falcón. A atuação de Virginia Bolten nesta conjuntura de repressão foi de aproximar os militantes que permaneceram em Montevideu daqueles que decidiram fugir ou foram expulsos para Buenos Aires e Rosário, como foi o caso de Juana Rouco<sup>69</sup>.

*"Comitê Pró-Presos. Esta comissão convida todas as sociedades de trabalhadores a enviarem um representante para a reunião que terá lugar na terça-feira, dia 22 do corrente dia, às 20h30, nas instalações da Calle Arapey, nº. 85. Da mesma forma, grupos anarquistas e todos os camaradas que estão interessados na libertação de prisioneiros como resultado dos eventos da reunião de protesto Pró-Ferrer são convidados"*<sup>70</sup>.

O *La Nueva Senda* circulou pela última vez no dia 14 de maio de 1910. O encerramento da folha aconteceu em uma conjuntura de apaziguamento dos conflitos de classe ocasionado pela repressão ao anarquismo, intensificação da vigilância policial e aprovação de leis de repressão, como a 'Lei de Defesa Social' na Argentina, em 1910, e pela ascensão de grupos socialistas fortalecidos pela expansão das ideias comunistas no espaço rio-platense. Com o fim da folha, a agrupação 'La Nueva Senda' seguiu adiante até ser extinta em 1912. A solidez do grupo editor foi responsável pela interiorização do periódico e por sua inserção nos circuitos de

<sup>68</sup> *La Nueva Senda*, Montevideu, 23-01-1910, 2-3.

<sup>69</sup> Martins, Angela Maria Roberti e Souza, Ingrid Souza Ladeira de, "As travessias de uma anarquista: Juana Rouco Buela e suas contribuições para o anarquismo internacional. (1900-1925)", em Menezes, Lená Medeiros de; Pagnotta, Chiara (ed.), *Itinerários Europa-América Latina: dos processos aos aportes biográficos (XIX-XXI)*, Editora Ayran/FAPERJ, Rio de Janeiro, 2019.

<sup>70</sup> *La Nueva Senda*, Montevideu, 19-02-1910, 2.

propaganda transplatinos, firmando-se como um dos principais veículos de propaganda e comunicação do período.

O jornal teve papel crucial no afunilamento das redes de militância do Rio da Prata, através dos contatos estabelecidos por Virginia Bolten e Juana Rouco, o que revela serem as mulheres tão responsáveis quanto os homens na conformação dessas redes, possibilitando novas e contínuas conexões. No caso do *La Nueva Senda*, as experiências das circulações no Rio da Prata e na Europa solidificaram práticas de militância no âmbito do local.

### **Conclusão**

O distanciamento entre os pressupostos teóricos do anarquismo e a prática militante revelam-se nos conflitos cotidianos e, a partir disso, o imaginário construído em torno das fragilidades e inferioridades das mulheres são reforçados pela conjuntura em que esses agentes estiveram inseridos, sujeitos aos padrões do próprio tempo e espaço. Desse modo, utilizar os jornais como fontes é imprescindível para analisar como se deu a militância de homens e mulheres, como se posicionaram e entender quais eram as suas ideias e concepções.

Mais do que diferenciar os periódicos, seus posicionamentos e apontar vozes dissonantes, conflitos e contradições, concluímos que o espaço dado às mulheres e suas questões nesses veículos foram ínfimos, principalmente no jornal *La Emancipación*. O incentivo à fundação de associações, sindicatos, sociedades de resistências femininas proposto por homens dificultava a adesão das mulheres a esses organismos, apesar da denúncia masculina sobre a dupla exploração feminina, as deploráveis condições de trabalho, etc. A noção masculina de que as mulheres precisavam ser lideradas contribuiu para a pouca presença feminina em determinados espaços de sociabilidade, incluindo as redações dos periódicos.

A falta de representatividade e a invisibilidade de suas ações nesses jornais foram um incentivo para as mulheres, motivando-as na construção de caminhos organizativos próprios, caso dos periódicos *Regeneración* e *La Nueva Senda*, frutos de suas experiências adquiridas e vivenciadas, ampliando seus horizontes de expectativa. Ou seja, já que suas vozes não estavam naqueles projetos editoriais, decidiram criar os próprios jornais.

*Regeneración* e *La Nueva Senda* vão além de publicar escritos de mulheres, foram espaços em que elas estiveram na elaboração e execução do projeto, contribuindo com um olhar de gênero sob os rumos editoriais. Esses periódicos são iniciativas de mobilização que inseriram as mulheres nos circuitos de impressos anarquistas, anteriormente amplamente dominados por homens<sup>71</sup>.

De forma mais ampla, investigar a atuação das mulheres nos jornais é um processo longo que depende de uma investigação minuciosa nas fontes, articulando dados biográficos e redes de contatos. Muitos dos escritos não são assinados, outros o são com pseudônimos e uma pequena parte são firmados por conhecidas mulheres militantes. Todavia, é importante reafirmar que mulheres estiveram presentes em todas as faces da militância, da imprensa às greves, resistindo a todas as formas de dominação masculina.

Fecha de recepción: 10/10/22

Aceptado para publicación: 23/03/23

---

<sup>71</sup> Cunha, Eduardo Augusto Souza, “Editar a Revolta: edição e circulação de impressos anarquistas em Buenos Aires (1890-1905)”.

## Referencias Bibliográficas

- Alvarenga, Lucas Thiago Rodarte, “Nos bastidores de um jornal anarquista: as mobilizações de um grupo de propaganda para a publicação do jornal a Terra Livre (1905-1910)”, *Revista Latino-Americana de História*, Rio Grande do Sul, 19, 2018, 44-62.
- Barrancos, Dora, *Anarquismo, educación y costumbres en la Argentina a principios del siglo*, Ed. Contrapunto, Buenos Aires, 1990.
- Cawen, Inés Cuadro, “Feminismos, culturas políticas e identidades de género en Uruguay (1906-1932)”, Tese de doutorado, Universidad Pablo de Olavide de Sevilla, 2016.
- Cawen, Inés Cuadro, *Feminismo y política en el Uruguay del novecientos. Internacionalismo, culturas políticas e identidades de género (1906-1932)*, AUDHI / Ediciones de la Banda Oriental, Montevidéo, 2018.
- Cunha, Eduardo Augusto Souza, “Editar a Revolta: edição e circulação de impressos anarquistas em Buenos Aires (1890-1905)”, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2018, 315.
- Fernández Cordero, Laura, *Amor y Anarquismo: experiencias pioneras que pensaron y ejercieron la libertad sexual*, Siglo XXI Editores, Buenos Aires, 2017.
- Ferreira, Maria Nazaré, *Imprensa operária no Brasil*, Ed. Ática, São Paulo, 1998.
- Goldman, Emma, “A tragédia da mulher emancipada”, em Lins, Mariana (ed.), *Sobre anarquismo, sexo e casamento*, Ed. Hedra, São Paulo, 2021.
- Kropotkin, Piotr, *A Conquista do Pão*, Achiamé, Rio de Janeiro, 2011.
- Lavrin, Asunción, *Mujeres, feminismo y cambio social en Argentina, Chile y Uruguay 1890-1940*, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, Santiago, 2005.
- Lobato, Mirta Zaida, “Entre la protección y la exclusión: Discurso maternal y protección de la mujer obrera argentina, 1890-1934”, em Suriano, Juan (ed.), *La cuestión social en Argentina: 1870-1943*, Editorial La Colmena, Buenos Aires, 2000.
- Lobato, Mirta Zaida, *La prensa obrera. Buenos Aires y Montevideo 1890-1958*, Edhasa, Buenos Aires, 2009.
- López D’Alessandro, Fernando, *Historia de la izquierda uruguaya: anarquistas y socialistas (1838-1910)*, Ediciones del Nuevo Mundo, Montevidéo, 1992.
- Martins, Angela Maria Roberti e Souza, Ingrid Souza Ladeira de, “Vozes femininas do anarquismo na Argentina dos séculos XIX e XX”, *LexCult*, Rio de Janeiro, 2, 2018, 210-244.
- Martins, Angela Maria Roberti e Souza, Ingrid Souza Ladeira de, “A experiência histórica do anarquismo perante a questão das relações de gênero: dimensões da luta na Argentina e no Brasil”, *Revista Semioses*, Rio de Janeiro, 2, 2018, 15-37.
- Martins, Angela Maria Roberti e Souza, Ingrid Souza Ladeira de, “As travessias de uma anarquista: Juana Rouco Buela e suas contribuições para o anarquismo internacional.

- (1900-1925)”, em Menezes, Lená Medeiros de; Pagnotta, Chiara (eds.), *Itinerários Europa-América Latina: dos processos aos aportes biográficos (XIX-XXI)*, Editora Ayran/FAPERJ, Rio de Janeiro, 2019.
- Martins, Angela Maria Roberti, “Cancioneiro Libertário: das ideias às representações. Uma análise do anarquismo na perspectiva do gênero”, Dissertação de Mestrado, UERJ, 2000.
- Martins, Angela Maria Roberti, “Imprensa nos meios anarquistas no Rio de Janeiro: A Guerra Social, o ‘baluarte dos revoltados’ (1911-1912)”, *Revista Espaço Acadêmico*, 234, 2022, 4-23.
- Motta, Rodrigo Patto Sá (ed.), *Culturas Políticas na História: Novos Estudos*, Fino Traço Editora, Belo Horizonte, 2014.
- Muñoz, Pascual, *La Primera Huelga General en el Uruguay*, La Turba Ediciones, Montevideú, 2011.
- Prieto, Agustina, Fernández Cordero, Laura e Muñoz, Pascual, “Tras los pasos de Virginia Bolten”, *Políticas de la Memoria*, Buenos Aires, 14, 2013/2014, 209-219.
- Rago, Margareth, *Do Cabaré ao Lar. A utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista (Brasil, 1890-1930)*, Paz e Terra, São Paulo, 2014 [a primeira edição foi publicada em 1985].
- Sapriza, Graciela, *Memorias de Rebeldía. Siete historias de vida*, Grecmu/Puntosur, Montevideú, 1988.
- Scott, Joan, “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, 2, 1995, 71-99.
- Souza, Ingrid Souza Ladeira de, “Salimos a la lucha... sin Dios y sin Jefe. O periódico La Voz de la Mujer como experiência feminina do anarquismo na Argentina (1896-1897)”, Dissertação de Mestrado, UNIRIO, 2019.
- Thompson, E. P., *A formação da classe operária inglesa vol. 1*, Ed. Paz e Terra, São Paulo, 1987.
- Vidal, Daniel, *Flores Negras. Poesía y Anarquismo en el Uruguay del Novecientos*, Ed. Astromulo, Montevideú, 2020.